

Malan admite mais desemprego

Flávio Ilha
Da equipe do Correio

Foram quase sete horas de debate no Congresso, que resultaram pelo menos em duas notícias amargas para quem já havia digerido o pacote fiscal anunciado semana passada pelo governo. Com todas as letras possíveis, o ministro da Fazenda, Pedro Malan, admitiu ontem que a atividade econômica do país vai ser reduzida nos próximos meses em consequência da crise detonada pelas bolsas de valores. Junto com o desaquecimento, a segunda notícia: os índices de desemprego vão aumentar. "Mas tenham certeza de que os custos de uma eventual inércia do governo no combate à crise financeira seriam muito maiores", tentou tranquilizar Malan.

O ministro, convocado por quatro comissões simultâneas da Câmara dos Deputados para explicar as medidas de ajuste fiscal, não forneceu números, muito menos estatísticas sobre a situação do emprego nos próximos meses. Apesar disso, para efeito de comparação, a situação vivida pelo México em 1994. Naquela época, o governo do país demorou a adotar medidas restritivas contra o capital especulativo — ao contrário do que fez o Brasil na semana passada — e preferiu optar por uma desvalorização cambial monitorada, que se revelou um desastre. Ao invés dos 15% de desvalorização, o dólar foi cotado mais de 100% acima do peso mexicano em apenas uma semana. Além disso, o México teve uma redução do Produto Interno Bruto (PIB) em 1995 de 7% e uma inflação que chegou quase a 60%.

O México serviu de exemplo extremo, na avaliação de Malan, para o governo tomar as medidas que tomou. E serviu também como discurso para Malan convencer os parlamentares a aceitarem o pacote fiscal e, de quebra, aumentarem a velocidade de aprovação das reformas constitucionais em tramitação no Congresso. "O real não vai entrar em colapso se as reformas não forem aprovadas, mas é claro que cresceremos ainda menos e teremos menos capacidade de solucionar nossos problemas sem elas", argumentou.

Os juros, segundo Malan, não vão permanecer elevados por muito tempo. O ministro chegou a afirmar que "esse juro não será mantido por um ano". Mas o prazo de vigência das taxas permanece uma incógnita. "Elas cairão tão rapidamente quanto a velocidade do ajuste fiscal e das reformas", previu. Além disso, o ministro garantiu a continuidade da política cambial e negou qualquer possibilidade de maxidesvalorização do real frente ao dólar.

DESENROLAR

Malan deixou claro, no entanto, que a queda globalizada das bolsas de valores não é tão passageira quanto parecia no primeiro momento. Por isso, defende um ritmo acelerado na

aprovação das reformas. Para ele, a extensão da crise a países como Japão e Coreia do Sul torna mais urgente a diminuição dos riscos a que o Brasil está exposto. "Não sabemos como será o desenrolar da crise daqui para a frente", reconheceu.

O ministro abandonou sua tradicional postura diplomática para cobrar pressa do Congresso. "Não podemos voltar ao tradicional espírito contemporizador só porque somos brasileiros."

Além disso, desferiu ataques à oposição, a quem tachou de querer o insucesso do governo para se credenciar às eleições do próximo ano. "A competição pelo poder faz parte do jogo democrático", justificou. Segundo Malan, os políticos de oposição querem que o País vá mal para poderem discursar nas eleições. O petista Arlindo Chinaglia (SP) comprou a briga rechaçou as críticas de Malan. "Temos posições divergentes sobre o tema, porque nem sei se o senhor fez oposição algum dia", atacou.

RAZÕES

Foi o bastante para os ânimos se exaltarem. O deputado Germano Rigotto (PMDB-RS), ex-líder do governo no Congresso, reclamou da agressividade de Malan e disse que a reforma tributária nunca foi votada no Congresso porque o governo não quis.

Os parlamentares petistas foram os mais agressivos em relação ao ministro Pedro Malan. O deputado Ivan Valente (PT-SP) chegou a compará-lo a "um peixe ensaboados", devido à tentativa de Malan de não responder objetivamente às questões dos parlamentares. "Quero protestar publicamente contra essa expressão, que não reflete o respeito com que trato os parlamentares", reagiu o ministro, elevando o tom de voz.

Foi o ponto alto de um debate morno, utilizado por Malan como tribuna para a defesa do pacote fiscal e pelos parlamentares de oposição como palco para campanhas de ataque ao governo. Foram eles que praticamente monopolizaram as quase sete horas de discussão.

Além disso, Malan abusou das costumeiras citações intelectuais e fez pelo menos duas autocríticas. A primeira delas ao reconhecer a infelicidade da imagem que usou ao comparar os gastos de uma família comum com os gastos do governo, na segunda-feira, 10 de novembro, que foi anunciado o pacote. "Me disseram que foi um desastre e prometo não fazer mais esse tipo de comparação", disse.

Em outro ponto do debate, Malan recusou a idéia de que a equipe econômica se julga infalível. Ele disse que não tinha feito críticas ao comportamento do Congresso e lembrou que procura sempre dirigir suas opiniões objetivamente, sem generalizações. O que lhe custou uma declaração infeliz: "Quando isso é apropriado, nós (da equipe econômica) também esculhamos o governo".

Glaucio Dettmar



Malan: "As taxas de juros cairão tão rapidamente quanto a velocidade do ajuste fiscal e das reformas"